



Sinopse:

Em janeiro de 2023, no âmbito de atividades do projeto “Educação Intercultural como Diálogo entre Modos de Conhecer e Formas de Conhecimento: Pesquisa Multiestratégica e Colaborativa em Comunidades Tradicionais” (financiado pelo CNPq, Proc. n. 423948/2018-0), realizamos uma viagem de campo à Namíbia. O intuito foi colaborar em estudo conduzido por pesquisadores da Universidade da Namíbia, sob coordenação de Cynthy Haihambo, sobre a evasão escolar de estudantes de diferentes povos San – Hai//om, Ju/hoansi e !Kung – e possíveis transformações na educação dirigida a esses povos, de modo a diminuí-la. Em uma das viagens de campo durante essa estadia, duas colegas da Universidade da Namíbia – Cynthy Haihambo e Misitilde Jonas-lita – e uma mediadora Hai//om – Martha Xoagus, que mobilizava os contatos com as comunidades e lideranças locais no assentamento de Tsintsabis e arredores – nos levaram para conhecer o Sítio de Patrimônio Nacional do Lago Otjikoto, situado próximo à cidade de Tsumeb, na região de Oshikoto, a cerca de 450 quilômetros da capital do país, Windhoek. Este lago sumidouro (ou de dolina) é um dos dois únicos lagos naturais permanentes existentes no país (o outro é o lago Guinas, a apenas 32Km de distância do lago Otjikoto).

2023
Volume 9, Coleção 1
ISSN: 2525 - 3781 (n.1)

Na chegada ao Lago Otjikoto, fomos acompanhados por um guia local, o qual nos introduziu à sua “história”, descrevendo como o lago se formou a partir da queda do teto de uma caverna. Isso possibilitou o afloramento de uma reserva de água subjacente, que ocupa parte de um complexo de cavernas subterrâneas. O fato de que o lago se conecta com um sistema de cavernas laterais faz com que seja impossível determinar sua profundidade exata, mas estima-se que esta varia entre cerca de sessenta metros em suas margens até por volta de 100 metros, em suas partes mais profundas.

O guia também relatou como o governo colonial alemão usava a água do lago na exploração de uma mina de cobre na vizinha cidade de Tsumeb, bem como que hoje a água é usada para irrigar plantações da região, que é a área agrícola mais importante do país. Ademais, ele contou que, em 1915, o exército colonial alemão, para evitar a entrega de seus armamentos a tropas da África do Sul e da Grã-Bretanha, os jogou no fundo do lago, juntamente com um cofre que até hoje não foi encontrado e do qual não se conhece o conteúdo, o que desperta a imaginação de muitos caçadores de tesouros.

Segundo o guia, o lago Otjikoto foi “descoberto” pelos exploradores europeus Francis Galton (meio-primo de Darwin, envolvido com o Darwinismo social e o pensamento eugenista) e Carl Johan Andersson em 1851. Ao escutar a explicação do guia, questionamos se os povos locais já não o conheciam. Naquele momento, Martha, do povo Hai//om, o interrompeu para nos contar que, no passado, “um grupo de Hai//om estava andando pelo local, onde havia apenas um caminho de pedra. Um grupo de homens ia na frente, outro grupo de mulheres atrás. O grupo da frente falou que a terra estava tremendo e, de repente, caiu o teto da caverna e o grupo de mulheres se afogou no lago. Por isso, os Hai//om deram-lhe o nome de “lago feio” (Gaisis).” A denominação “Otjikoto” (“buraco profundo”) foi dada pelos Herero, quando passaram a ocupar a área. Este lago é até hoje considerado amaldiçoado ou mal-assombrado pelos Hai//om, relatou Martha.

Esse foto-ensaio visa descrever a invisibilidade da história Hai//om e de suas relações com o Lago Gaisis ou Otjikoto. Nenhuma menção da história desse povo sobre a origem do lago é encontrada, o que contrasta com a presença de uma placa comemorativa da chegada dos exploradores europeus. Da mesma forma, nenhuma menção é feita quanto à presença de um cemitério Hai//om nas proximidades do lago, o que contrasta com a presença de uma placa lembrando a morte de um turista sul-africano que nele mergulhava. A única presença dos Hai//om limita-se a uma representação exotizada e sensualizada dos mesmos num mural que acolhe os visitantes na entrada do sítio, ao lado de animais “exóticos” da fauna local. Essa invisibilidade claramente reproduz o padrão colonial de criação de uma história que visa silenciar a presença das populações locais face à chegada dos colonizadores europeus, uma história que continua ainda hoje sendo combatida na luta dos Hai//om, assim como dos povos indígenas no Brasil e no mundo, pelo reconhecimento de suas terras. Os argumentos neste artigo estão vinculados à descolonização das visões sobre eventos históricos, como parte de um esforço de corrigir sua representação equivocada em países africanos, como a Namíbia, assim como em vários outros países.

Sinopsys:

In January 2023, within the scope of the activities of the project “Intercultural Education as a Dialogue between Ways of Knowing and Forms of Knowledge: Multistrategic and Collaborative Research in Traditional Communities” (funded by the Brazilian National Council for Scientific and Technological Development/CNPq, Grant n. 423948/2018-0), we carried out a field trip to Namibia. The intent was to collaborate in a study conducted by researchers from the University of Namibia, under the coordination of Cynthy Haihambo, about the school dropout of students from different San peoples – Hai//om, Ju/hoansi and !Kung – and the prospects for transforming the education provided to these peoples in order to decrease dropout rates. In one of the field trips during this stay, two colleagues from the University of Namibia – Cynthy Haihambo and Misitilde Jonas-lita

- and a Hai//om contact person - Martha Xoagus, who was mediating the contacts with local communities and leaders in the settlement of Tsintsabis and surroundings - took us to visit the Lake Otjikoto National Heritage Site, located near the city of Tsumeb, in the Oshikoto region, about 450 kilometers from the country's capital, Windhoek. This sinkhole lake is one of the only two permanent natural lakes found in the country (the other is lake Guinas, only 32 Km from Lake Otjikoto).

When we arrived at Lake Otjikoto, we were accompanied by a local guide who introduced us to the "history" of the place, describing how the lake was formed when a cave roof collapsed. This allowed the outcrop of an underlying water reserve, which occupies part of a complex of underground caves. The fact that the lake tapers into a system of lateral caves makes it impossible to determine its exact depth, but it is estimated that it varies from about sixty meters at its margins up to around 100 meters at its deepest parts.

The guide also described how the German colonial government used the lake's water in the exploration of a copper mine in the nearby town of Tsumeb, as well as that today the water is used to irrigate plantations in the region, the most important agricultural area in the country. Furthermore, he told us that in 1915 the German colonial army, in order to avoid handing over their weapons to South African and British troops, threw them at the bottom of the lake, together with a safe that has not been found until today and whose contents are not known, what sparks the imagination of many treasure hunters.

According to the guide, Otjikoto lake "was discovered" by the European explorers Francis Galton (half-cousin of Darwin, involved with social Darwinism and eugenic thinking) and Carl Johan Andersson in 1851. When we listened to the guide's explanation, we questioned if the local people did not know it. At that moment

Martha, who is a Hai//om, interrupted him to tell us that in the past "a group of Hai//om people was walking around the place, where there was only a stone path. One group of men walked in front, another group of women followed. The front group said that the earth was shaking and, suddenly, the roof of the cave fell and the group of women drowned in the lake. That's why the Hai//om named it 'ugly lake' (Gaisis)." The designation "Otjikoto" ("deep hole") was given by the Herero, when they came to occupy the area. This lake is still considered cursed or haunted by the Hai//om, Martha remarked.

This photo essay aims to describe the invisibilization of the Hai//om history and of their relations with Lake Gaisis or Otjikoto. There is no mention of the history of these people about the origin of the lake, which contrasts with the presence of a plaque celebrating the arrival of the European explorers. Likewise, no mention is made of the presence of a Hai//om cemetery near the lake, which contrasts with the presence of a plaque remembering the death of a South African tourist when diving in the lake. The only presence of the Hai//om is limited to an exoticized and sensualized representation of them on a mural that welcomes visitors at the entrance to the site, alongside the "exotic" animals of the local fauna. This invisibility clearly reproduces the colonial pattern of creating a history that aims to silence the local populations in the face of the arrival of European colonizers, a history that continues to this today to be fought in the struggle of the Hai//om, as well as of Indigenous peoples in Brazil and worldwide, for the recognition of their lands. The arguments in this paper are linked to the decolonization of views about historical events, as part of an effort to correct how they are misrepresented in African, such as Namibia, as well as in several other countries.

Key Words:

Otjikoto Lake, colonialism, Hai//om.

Palavras-chave:

Lago Otjikoto, colonialismo, Hai//om.

Ficha técnica:

Autores: Paride Bollettin (Departamento de Antropologia - Universidade Masaryk; Departamento de Antropologia - Universidade de Durham; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução, INCT IN-TREE) e Charbel El-Hani (Instituto de Biologia - Universidade Federal da Bahia; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução, INCT IN-TREE).

Direção, pesquisa e edição: Paride Bollettin (Department of Anthropology - Masaryk University; Department of Anthropology - Durham University; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução, INCT IN-TREE) e Charbel El-Hani (Instituto de Biologia - Universidade Federal da Bahia; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução, INCT IN-TREE).

Datasheet:

Authors: Paride Bollettin (Department of Anthropology - Masaryk University; Department of Anthropology; and National Institute of Science and Technology in Interdisciplinary and Transdisciplinary Studies in Ecology and Evolution, INCT IN-TREE); and Charbel El-Hani (Institute of Biology, Federal University of Bahia and National Institute of Science and Technology in Interdisciplinary and Transdisciplinary Studies in Ecology and Evolution, INCT IN-TREE).

Direction, research and editing: Paride Bollettin (Department of Anthropology - Masaryk University; Department of Anthropology; and National Institute of Science and Technology in Interdisciplinary and Transdisciplinary Studies in Ecology and

Evolution, INCT IN-TREE); and Charbel El-Hani (Institute of Biology, Federal University of Bahia and National Institute of Science and Technology in Interdisciplinary and Transdisciplinary Studies in Ecology and Evolution, INCT IN-TREE).

Autore: Paride Bollettin
Universidade Masaryk
<https://orcid.org/0000-0002-3487-3315>
paride_bollettin@msn.com

Autore: Charbel El-Hani
Universidade Federal da Bahia
<https://orcid.org/0000-0002-2308-3983>
charbel.elhani@gmail.com

Recebido: 9 de fevereiro de 2023
Aprovado: 20 de junho de 2023

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0), que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada. A licença não permite o uso para fins comerciais.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

